

ESCRITORAS À MARGEM, UNI-VOS! UMA CARTA-CONVITE ÀS MULHERES *ESCREVIVENTES* DE TODA *AMÉFRICA*

¡ESCRITORAS MARGINADAS, UNÍOS! CARTA DE INVITACIÓN A LAS
ESCRITORAS *ESCREVIVENTES* DE TODAS LAS *AMÉFRICAS*

WOMEN WRITERS ON THE MARGINS, UNITE! A LETTER OF INVITATION TO
*ESCREVIVENTE*¹⁶ WOMEN FROM ALL OVER THE *AMEFRICAS*

Aline Regina Cardozo de Brito¹⁷

Escute as palavras ecoando do seu corpo...

Gloria Anzaldúa

Nos disseram não haver necessidade de sabermos ler nem escrever. Nos mantiveram caladas, desde a escravidão, presas aos grilhões e às máscaras de ferro. Nos privaram dos nossos nomes. Nos subtraíram as línguas indígenas. Queimaram nossas origens iorubás, bantos e tantas outras. Não adiantou! Aprendemos a falar sob a máscara e a segurar o lápis. Assimilamos as táticas para não nos dizimarem. Nos aquilombamos para sobreviver – povos pretos, povos originários, povos

¹⁶This adjective derives from the term "escrevivência" coined by the Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo which is a writing grounded in Black women lived experiences.

¹⁷ Professora da rede municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ) e orientadora educacional da rede estadual de educação (SEEDUC), especialista em Educação das Relações étnico-raciais no ensino básico (EREREBA) PROPGPEC- Pedro II e doutoranda em educação pelo ProPed- UERJ. alinercbrito@gmail.com.

epistemologicamente devastados. Convido as mulheres de todos estes povos de nossa América: uni-vos e escrevei!...

Rio de Janeiro, 2 de abril de 2026.

Queridas *hermanas, sisters, malungas*. Espero que esta carta-convite as encontre bem. Precisamos seguir juntas nessa jornada coletiva de incentivo à nossa escrita. Hoje é o *Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo*. Sou uma mãe atípica e, entre uma terapia e outra, estudo e escrevo.

Muito inspirada pela escritora chicana Gloria Anzaldúa, inicio meu convite. Trago em mente a *Carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* datilografada por ela em 1980. Quase cinco décadas depois, tal carta segue sendo atual e ousado, nesse texto, relembra-la e atualizá-la. Aliás, foi ao revisita-la que este texto-convite brotou de dentro de mim.

Aproveito, ainda, para escapar, em certa medida, da rigidez acadêmica e incluir neste convite minhas estudantes frequentadoras de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) no Conjunto de Favelas da Maré, localizado na zona norte da cidade. Convido-as por já ter lido trechos desta carta com minhas estudantes gremistas da referida escola em uma roda de conversa sobre a importância das nossas escritas. Em tempo, estendo o convite a todas as jovens das escolas públicas, jovens cheias de sonhos matriculadas no ensino médio das instituições escolares de todo o Brasil.

Antes de seguir com meu convite, me apresento brevemente. Sou trabalhadora favelada do território supracitado e me entendo, de acordo com meus estudantes, como cria do Morro. Minha gênese influencia minha posição social e atravessa todo o meu corpo: sou letróloga, pedagoga, mulher negra e (recém-descoberta) escritora. Sou neta do Aníbal e da Vó Pretinha, filha da Anilinda e do Paulo: uma família favelada cheia de amor para dar. Todos são meus ancestrais. A única viva é minha mãe, Dona Anilinda: ela passou a vida me aconselhando a ler e escrever. Quando me tornei professora, passei a incentivá-la também. Hoje, aos 69 anos, ela foi aprovada na Universidade do Estado

do Rio de Janeiro (UERJ) para Ciências Sociais. Assim, muitas vezes, escrevemos juntas.

Quando penso nos processos de escrita, evoco sempre a cultura egípcia. Penso na importância da posição social de um escriba naquela sociedade africana e nos documentos copiados nos papiros para informação documental e manutenção da memória dos descendentes faraônicos. Os séculos passaram e, apesar de toda a afro-hecatombe sofrida pelos raptados de África, bem como de todo o processo epistêmico imposto contra os povos originários, seguimos lendo e escrevendo. Acabo por considerar que nossos registros, atualmente feitos basicamente através da digitação, são palimpsestos modernos: escrevemos, repensamos, raspamos (digo, deletamos) e continuamos com uma nova (re)escrita a partir de nossas (novas) vivências.

Ao registrar essas experiências, sob nosso ponto de vista e nossa própria narrativa, contracolonizamos, como nos ensina Nego Bispo (2023), e descentralizamos as histórias eurocêntricas, deixando explícita a importância de não sermos fantoches da ventriloquia hegemônica. Assim, escrevo aqui pensando em meu corpo diaspórico e me entrelaçando com tantas outras mulheres *inventadas* pelo homem branco. Um exemplo clássico deste estereótipo é a figura da mucama ou escrava doméstica (a senzala) descrita na obra Gilberto Freyre como objeto de desejo dos senhores brancos (a Casa grande). Apesar do aliciamento e da violência sexual da época, tal imagem segue sendo difundida. Urge estilhaçarmos tal modelo!

Minha intenção aqui é nos desemoldurar deste(s) enquadramento(s). Espero ter meu convite aceito, principalmente pelas que, como eu, ainda não entenderam ou ainda se sentem inseguras com a potência de suas escritas. Vamos juntas conversar com outras autoras cujos textos foram arquivados dentro de um tempo ou foram silenciadas pela ausência de publicação – elas nos incentivam. Esta carta-ensaio é sobre isso: uma necessidade premente de lermos maneiras outras de pensar que partem do âmago das mulheres diaspóricas e suas descendentes, de mulheres de nossos povos originários e seus consanguíneos, mulheres das fronteiras, ribeirinhas, migrantes, camponesas, presidiárias, etc. Como a escrita de tais mulheres pode tomar forma neste mundo globalizado cujas epistemes estão ainda tão enraizadas nas capitânicas hereditárias das

mais diversas coroas europeias? Lhes adianto: não há resposta exata, muito menos conclusiva, mas há uma conversa possível com outras autoras-rebeldes-subversivas cujas caligrafias foram desenhadas eternamente nas nossas histórias.

Rio de Janeiro, 18 de abril de 2026.

Demorei um pouco para conseguir retomar nossa carta, caras leitoras. Exigências da vida de uma fêmea nesta sociedade do patriarcado. Passados 16 dias, retomo minhas linhas. Axé a todas!

Hoje é o *Dia Nacional do Livro Infantil*, data criada a partir do nascimento de Monteiro Lobato em 1882. Digo-lhes, fomentem o hábito da leitura de suas meninas desde a infância, pois isto estimulará a escrita delas no futuro. Claro, todas as crianças devem ser incentivadas, mas meu recado realmente tem esse recorte de gênero: meu foco são as meninas, mocinhas, jovens, mulheres, senhoras, idosas. Aconselho, ainda, a deixar o Sr. Lobato fora da infância delas. Temos inúmeras autoras que dão conta do recado: Kiusam de Oliveira, Sônia Rosa, Lia Minápoty, Eliane Potiguara, dentre outras.

Encontrei um livro pequeno aqui em casa, intitulado *A arte de escrever* (2018), do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. O título me interessou e iniciei a leitura. O autor disserta, descrevendo aspectos para se alcançar uma boa escrita. Um pouco antes da metade do livro, ele explica: “Sempre que possível, é melhor ler os verdadeiros autores, os fundadores e os descobridores das coisas, ou pelo menos os grandes e reconhecidos mestres da área” (p. 61). Quem são estes mestres? Quem são os verdadeiros autores? Perguntas que deveriam apresentar formas diversas de responder. Fechei o livro e busquei outras fontes (descritas neste texto).

Da escritora francesa Michelle Perrot, a publicação *História dos Quartos* toca no assunto da escrita pessoal. Sua rica e detalhada pesquisa defende que tais cômodos são “por excelência o lugar do pensamento” (p. 90). Ao descrever quartos desde reis e rainhas até chegar às classes proletárias, Perrot defende que tal espaço

É também propício à escrita pessoal, que não necessita do recurso a bibliotecas, a dossiês: escrita de si, por si, para os íntimos, que requer

dispositivos cuja simplicidade aparente é fruto de um extremo refinamento técnico: mesa, cadeira, papel, pena, caneta, mais tarde máquina de escrever, sobretudo solidão e calma, asseguradas pela porta fechada e a noite, companhia daqueles que não possuem escritório e tentam arranjar um cantinho para si. [...] todos os tipos de escritas convêm ao quarto, mas alguns lhe são consubstanciais. O diário de viagem, redigido no fim de uma etapa, ou o diário íntimo, as meditações, as autobiografias, a correspondência: a literatura ‘pessoal’ que requer calma diante da página em branco (PERROT, 2011, p. 91).

Imediatamente, penso na escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus e em seu dom, apagado de forma tão racista e reconhecido tão tardiamente. Reflito sobre sua dificuldade para catar papel e sobreviver, cuidar do lar e dos filhos – escrever com crianças em casa não é fácil, eu bem sei. Sem catar papel para vender, Carolina não sobreviveria; sem catar papel para escrever, Carolina não alimentaria sua alma. Ademais, Jesus nada possuía: nem máquina de escrever, nem calma diante da tal página em branco, nem um cantinho só para si. Tinha mesmo era sua vontade de escrever e denunciar enquanto trabalhava em seu livro. Possuía, inclusive, uma característica hoje tão ensinada pela autora negra-brasileira Conceição Evaristo: a escrita de Carolina não era somente a escrita de si, ela carregava outros e outras amontoados em seu corpo-catador. Já estava ali, lá nos idos dos anos 1950, uma raiz escreviente.

Fico um tanto quanto aliviada de tomar conhecimento de uma breve explicação da autora francesa sobre o não-direito ao quarto, no último capítulo do livro acima citado. Muito brevemente, a escritora sinaliza que “hoje são os jovens, juntamente com os exilados e os imigrantes, os que mais o desejam. Para eles, o quarto não está “em suspenso”: eles sofrem por não ter um” (PERROT, 2011, p. 328). Ou seja, o não-direito ao cômodo de dormir está intimamente ligado à condição de como as classes são organizadas em nossa sociedade. Ainda assim, não há menção de mulheres interseccionadas dentro destes grupos descritos por Perrot – mulheres pobres, negras, indígenas, faveladas, sem teto/terra, habitantes do hemisfério sul. Meu chamamento para estas mulheres é urgente: não podemos mais nos isentar de (re)contar nossa História.

Nesta linha da defesa do quarto como lugar para a escrita das mulheres, há a escritora britânica conhecida como Virginia Woolf. Em sua opinião, “uma mulher, se quiser escrever literatura, precisa ter dinheiro e um quarto só seu” (WOOLF, 2019, p. 6), já que declara serem mulheres e literatura problemas de difícil resolução. Ao final de sua palestra para jovens universitárias em 1928, ela reafirma o fato: “se tivermos quinhentas libras anuais, cada uma de nós, e quartos só para nós; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem para escrever exatamente o que pensamos; e se escaparmos um pouco à sala de estar coletiva [...]” (WOOLF, 2019, p. 155), certamente nos seria possível escrever e viver nossa poesia uma vez que não há mais a possibilidade de esperar. Digo, certamente por entender ser impossível, para a grande maioria das mulheres, ter um quarto só para nós e dinheiro para nosso exclusivo sustento. O jeito é encarar a sala de estar coletiva.

A palestra universitária da referida escritora aconteceu uma década depois da conquista do direito ao voto feminino na Inglaterra, após um intenso processo pelo sufrágio desde os fins do século XIX. Além disso, Adeline Virginia, Sra. Woolf, viveu uma época na qual as mulheres não possuíam bens nem dinheiro diretamente, pois tudo o que se tinha era, na verdade, direito adquirido do marido. Nascida em 1882, ela não chega a passar por esse problema – antes de casar-se com Leonard Woolf, recebe uma herança de sua tia cujo legado a deixa numa situação de conforto. Ou seja, para a Senhora Woolf, apesar do patriarcado latente, escrever era autorizado. Para nós, escritoras às margens, não! Desde o início dos períodos escravocratas pelo mundo, as mulheres habitantes de países colonizados já lutavam por sua integridade. Quando o movimento feminista europeu eclodiu, mulheres negras e mulheres dos povos originários já experimentavam suas lutas nas sociedades consumidas pelo poderio dos colonizadores europeus – ou seja, a luta destas sujeitas começa muito antes dos direitos exigidos pelas mulheres brancas na Europa e nos Estados Unidos.

Rio de Janeiro, 19 de abril de 2026.

Que bom reencontrá-las apenas um dia depois da abrupta interrupção cotidiana! Hoje é dia de celebrar a existência dos povos originários! *Gracias a la vida que me ha dado tanto...* graças à minha origem indígena, de forma direta ou indireta. Se não

fossem nossos Krenaks, Puris, Tupinambás, Yanomamis, Mundurukus etc.; o céu já teria desabado.

A escrita marca nossas vidas de diversas maneiras. O pregador brasileiro José Datrino, conhecido como Profeta Gentileza, era um artista-escritor. Sua famosa frase “gentileza gera gentileza” ficou conhecida pelos viadutos da Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Os papéis do profeta eram as paredes urbanas com escritas totalmente desconectadas da ideia de quarto. Claro que tais dizeres se organizaram a partir dos espaços disponíveis em dado centro urbano, mas vale considerar a insurgência das escrituras-proféticas. Além da arte-mural, a escrita de Gentileza é uma ferramenta eternizada que resgata a ética individual e, principalmente, a ética coletiva. A escrita das mulheres marginalizadas nasce muito dessa *pegada* insurgente - e, percebam, nós não andamos sós! Carregamos, ainda, uma resiliência necessária para parirmos nossas linhas e, assim, qualquer lugar escolhido para escrever pode ser lugar de nascimento da escrita de nós. Como diria minha querida Celeste Estrela, do alto de seus 85 anos, “quando as palavras fervem meus miolos, pego meu caderninho, minha caneta e escrevo, às vezes a outra opção é a cerveja” (ESTRELA, 2020, p. 15)

Reafirmo, precisamos aprender a encontrar brechas, frestas, possibilidades. Dentro dos grupos classificados como desprivilegiados, estas mulheres (citadas alguns parágrafos acima) têm menores chances de colocarem suas escritas num papel, uma vez que as necessidades de sobrevivência recaem pesadamente sobre suas costas (a dupla jornada de trabalho, minimização salarial, assédios, filhos doentes, etc.). Como burlar este sistema?

Talvez a “sabedoria das frestas” (PASSOS et al., 2018, p. 142) seja uma resposta. Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPed) da UERJ, a professora Mailsa Passos explica que “o colonialismo é um regime de dominação que edifica um mundo monológico em detrimento da diversidade [...] opera no ataque contra a vida de milhões de seres, incide do desmantelo cognitivo ao desarranjo das memórias” (PASSOS et al., 2018, p. 142). Isso nos leva a compreender que “A condição de subordinação imposta pelo colonialismo opera como uma espécie de catequese da língua que tem como primeiro ataque a contenção das potencialidades do corpo” (p.

153). Neste corpo, tomei a liberdade de incluir a escrita do corpo-fêmea. Contudo, existem as frestas: um local onde nos reinventamos e, a partir da resiliência, burlamos o sistema vivido para praticar formas outras de escrever. “Para cada signo que nos foi “imposto” como truque para a simplificação de um mundo que é diverso, nós parimos nas margens, através de nossos corpos suporte de sabedorias e potências múltiplas outros entenderes para esses dizeres.” (PASSOS et al., 2018, p. 153). Nossa escrita nasce, constantemente, deste embrenhar-se nas frestas. Cada uma de nós encontrará/perceberá por onde “entrar” a partir dos exemplos que trago neste convite.

Há um modelo de escrita inculcado em nós, autorizar-se precisa vir de dentro primeiramente. O processo pode ser longo e/ou complexo. No meu caso, penso em algo que gostaria ou preciso escrever, tentando achar algum prazer para digitar. Então, inicio o esboço num papel qualquer. Passados uns dias, percebo não saber onde guardei o papel rascunhado. Vislumbro o diário de Carolina (2014) sobre minha mesa para tentar (re)iniciar minha escrita e releio frases:

Passei o resto da tarde escrevendo [...] Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22:30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. [...] Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo (JESUS, 2014, p. 24-25).

Carolina era mais organizada do que eu em relação à sua tarefa. Não era inexperiente; pelo contrário, lia tanto jornais quanto livros e praticava suas escritas todo santo dia, em diversos horários. Tinha um caderno só para suas *escrevivências* (EVARISTO, 2020b). Brigo comigo mesma pela minha desorganização. Acho algumas anotações e fico me questionando sobre as outras. Crio um decreto: nunca mais anotar nada em pedaços de papel espalhados pela minha escrivaninha. Inclusive, decido: “terei um caderno” - um caderno para encher de anotações que podem colaborar com meus pensamentos. Finalmente, faço um esqueleto ali. Este vai se enchendo de observações, vou puxando setas para lembrar os fatos a serem dissertados. Vou pensando em pedaços de textos para criar um parágrafo, para concordar comigo, para escorar minhas ideias. Às vezes, me saboto e me pego fazendo outras coisas pela casa: resolvo problemas dos filhos, marco uma consulta, faço uma comida rápida... fico me escondendo da escrita.

Ao juntar pedaços, amarrar textos e indagar, me torno uma contestadora. Contesto a arte da escrita como a curadora afrobrasileira Rosana Paulino, cujos trabalhos também questionam os apagamentos históricos, além de unir corpos e saberes em diferentes formas artísticas. Sigo seu modelo enquanto autorizo minha caligrafia a marcar as pautas das folhas. Por fim, ligo o *laptop*. Rosana desmembra e (re)encaixa sua arte¹⁸, eu recorto e colo partes do meu texto. CTRL+X, CTRL+V e sigo digitando.

Imperativo perceber: o ato de escrever é como a nossa história, não começa só com a gente. Começa antes, muito antes. Logo, a escrita não é só nossa. Desse modo, o processo de escrita, em si, para mim, tem um antes, talvez muito antes – uma ancestralidade imiscuída em nossos corpos que precisa ser resgatada juntamente com nossos hábitos, costumes, narrativas e coletividade. O antes é éthos! Minha ancestralidade descansa sobre minhas costas, bem como a poetisa moçambicana Noémia de Sousa verseja em *Deixa passar meu povo*: “Escrevo.../ Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar/ [...] pegando na minha mão e me obrigando a escrever/ com o fel que me vem da revolta/ Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,/ enquanto escrevo, noite adiante”. Então, eu não escrevo sobre esta ancestralidade, nem sobre tantas outras mulheres; eu escrevo *com* elas o tempo todo.

Sobre seu ato de escrita, já ouvi Conceição Evaristo dizer que ela carrega todo mundo amontoado em suas costas. Esse carregar no corpo, despejado no papel pela tinta da caneta, é *escrevivência*. Ou seja, vida e escrita não se separam – Carolinas, Conceições, Lélías, Beatrizes, Marias bem sabem! E, neste caso, não abrimos mão da questão racial pois nossa subjetividade é toda atravessada pela racialização e esta não tem como ser negociada. Sejam as mulheres de cor, como bem descreve Anzaldúa, sejam nossas irmãs indígenas ou sejamos nós, as negras. *Escrevivência* é uma mulher negra, é escrita política e cheia de movimento. Movimentem-se!

Por conseguinte, percebemos: o desejo da escrita não parte somente das inclinações da autora inglesa Sra. Woolf, como já havia sido citada. Há também uma urgência para aquelas classificadas como mulheres do Terceiro Mundo, na verdade,

¹⁸ Em referência à exposição *Rosana Paulino: a costura da memória* no Museu de Arte do Rio em 2019.

mulheres de tantos outros “novos mundos” silenciados por séculos. Nós *amefricanas*¹⁹ (GONZALEZ, 2020), por exemplo. Nós, colocadas à margem da sociedade. A autora brasileira Aline Pachamama (2020) defende que “a oralidade se mantém como a forma de preservação das línguas e culturas dos Povos Originários e tem a capacidade de revelar a identidade de uma etnia, seus rituais e *modus operandi* de cada grupo. Hoje, a escrita realizada pelo próprio originário se faz igualmente importante” (PACHAMAMA, 2020, p. 23). Além de ressaltar a importância da escrita praticada pelas populações indígenas, a autora do povo Puri destaca a questão ancestral, como eu já havia citado, dando valor às suas mais velhas bem como acontece nas culturas africanas: “a oralidade de anciãs e anciãos, trará à luz narrativas contemporâneas, que poderão alterar e desconstruir a hierarquia moldada pela ótica do homem ocidental e colonizador” (p. 24).

Há uma necessidade de escrever que, muitas vezes, vem lá das nossas entranhas. As entranhas também trazem ancestralidade. Escreva ouvindo seus avós, escreva com o peso dos ancestrais no ombro. Assim, “Esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar” (ANZALDÚA, 2000, p. 233), diz a autora chicana-estadunidense, uma mulher à margem de seu país e entre territórios. Escreva! Nossa vida escapa da visão ocidental - um mundo onde só se raciocina a partir do que se vê. Creio que estamos além da cosmovisão também ... somos cosmoperceptivas, sabe? A “cosmopercepção é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais” (OYEWUMI, 2021, p. 29). Esse poder atravessa nosso corpo; logo, é igualmente parte da nossa escrita. Assim, escreva rememorando os cheiros da cozinha da avó, dos cantares dos pássaros no quintal, do barulho da água durante o banho de mangueira, dos risos das crianças, do impulso do corpo para pegar uma goiaba no pé. “Escrever o som ... Escrever o vento ... Escrever ancestralidade ... Escrever no mar ... Escrever na folha de pão. Escrever, Escrever, Escrever ... E ler.” (PACHAMAMA, 2021, p. 21)

Rio de Janeiro, 21 de abril de 2026.

¹⁹ Para saber mais sobre os termos *amefrikana* e *Améfrica Ladina*, consultar a referência GONZALEZ.

Ficamos distantes por poucos dias, queridas companheiras de escrita. Hoje é o dia do nosso herói nacional, Tiradentes. Joaquim José da Silva Xavier foi enforcado pelas cordas do Império, além de decapitado e esquartejado pelas mãos famintas e gananciosas do colonialismo europeu. Viva o Inconfidente!

Duas perguntas que fiz anteriormente se unem aqui: como a escrita pode tomar forma? como burlar o sistema para escrevermos? Respondo e incluo: escrever com as amigas ou parceiras de trabalho. Escrever com o apoio de outras mulheres para formar redes de escuta e leitura – discutir os textos juntas, repensar, opinar, corrigir e reescrever. Isso, aquilombar escritas! Não é um hábito disseminado, infelizmente. Compartilhar nossos textos e escritas, revigora e acalenta. Juntas, nos apoderamos dos saberes ao construirmos redes de discussões, grupos de estudos, rodas de leitura, dentre outros. Isso nos dá uma sensação de que a escrita não é a solidão imaginada.

Ponha em prática a famosa ‘fofoca’ entre amigas desejosas de escrever. Deixem que nos chamem de “fofoqueira, boca-grande, questionadora” (ANZALDÚA, 2009, p. 306) lembrando que “todas essas palavras são depreciativas se aplicadas a mulheres - eu nunca as ouvi aplicadas a homens” (p. 306), não é mesmo? Além disso, ainda “somos privadas do nosso feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino” (p. 306), ora, ora. Por isso defendo a escrita feminina nesta carta. Não se preocupem – entre nós, deixa de ser fofoca e se transforma em conversa crítico-afetuosa! Já que ainda não conseguimos mudar essa cultura, burlamos o sistema!

Além disso, atenção: o conhecimento é uma construção e este é elaborado por todas nós. Contudo, só faz sentido se for compartilhado. A escrita necessita desse compartilhamento. Obviamente, há a hora de escrever também consigo mesma, aprender a absorver determinadas situações/fatos e depois jogar no papel, escrever dialogando com autores e autoras em pensamento. Escreva onde estiver enquanto dialoga com o seu próprio corpo. Sinta as palavras saindo do seu corpo...

Sai do nosso corpo/cabeça o que *tá* na nossa vida! Um exemplo disso é minha história dentro da minha escrita. Eu sou cria da Maré, nascida no morro do Timbau. O substantivo próprio Timbau tem origem no tupi-guarani (*thybau*) e significa “entre as

águas”. O endereço da nossa família é Rua Praia de Inhaúma, 62. Justamente por isso, Timbau, de fato, é um morro entre as águas. Hoje, é vizinho da Linha Vermelha e sua vista frontal dá de cara para a Linha Amarela, estradas de acesso para o aeroporto internacional e o centro da cidade.

Quando eu tinha dois anos, meu pai conseguiu um emprego no porto de Santos e nos mudamos para a Baixada Santista. Retornamos 8 anos depois, em meados dos anos 80. Meu pai cheio de sonhos de ascensão profissional naquela época das *Diretas Já* no Brasil. Queria comprar a casa própria, ter férias e fazer viagens (uma democracia utópica) sonhando em ter um salário melhor com a promoção do cargo de mecânico. Faleceu alguns anos depois sem ter realizado seus desejos. Minha mãe, mulher negra, ficou incumbida de dar conta de três meninas pequenas. Moramos um tempo no barraco onde minha Vó Pretinha morava, até alugarmos uma casa no Beco do Abacate, cujo nome foi dado justamente por haver na entrada da viela um grande abacateiro. Nesses becos brinquei, aprendi a ler melhor e a escrever.

Me lembro que havia naquela época a troca dos papéis de carta. As coleções eram compradas e quando se repetiam trocávamos com outras colegas. Ali, já havia em mim um desejo grande de escrita, lá pelos 9, 10 anos de idade. Os papéis eram lindos, coloridos e decorados. Eu fingia ser professora ou secretária e escrevia as coisas do dia naquelas folhas, como se fossem páginas soltas de um diário móvel que, ao final do dia, eram alocadas nas pastas ou fichários de papéis de carta. Outras vezes, escrevia para as amiguinhas moradoras de Santos: cartas cujos envelopes nunca foram enviados. Inaugurava-se então meu “ritual epistolar favelado” (BRITO, 2023). Naquela pobreza estrutural, aprendíamos a colocar moedas nos cofrinhos para a compra da papelada. Eu e minhas irmãs colecionávamos e guardávamos inúmeros modelos.

Ali entre o barro e o barranco, pego emprestada a rima dos *Becos da Memória* (EVARISTO, 2017), consumíamos o tempo com a arte do escambo e da escrita. Outras vezes, subíamos trechos dos becos às escondidas, eu e minhas irmãs, para conversar com uma prima ou chamar uma amiga que sabíamos ter o tão desejado papel de carta. A troca era sempre acompanhada da escrita: versos, adivinhações, receitas e resumos de

livros lidos na escola. A coleção de livros paradidáticos *Vagalume* era nossa favorita. E você, querida leitora-escritora, que memórias afagam suas ideias?

Esses becos, ainda muito bem demarcados na atual territorialidade da Maré, eram nossos caminhos hodológicos²⁰. Ou seja, eram caminhos que nos ligavam aos nossos objetivos de troca e escrita - se pudessem nos observar como passarinhas sobrevoando nosso morro, minhas leitoras entenderiam nossas vivências ali enraizadas e o quão dinâmico era aquele nosso espaço de vida. São becos enraizados nos trajetos do morro que nos levavam e nos traziam. Beco é uma raiz sem fim, na verdade, o fim dele é virar outro beco, outra vida, outra experiência. Era uma escrita beco-epistemológica, digamos assim, na qual aprendíamos na prática. Há nos becos um conhecimento das crias, um afroprocesso muito peculiar das favelas, dos morros, onde tudo se aprende literalmente na prática. Essas experiências vividas me levaram a entender o mundo com um olhar *dentrofora* da favela. Todos os lugares por onde ando lá fora são sentidos a partir dos becos por onde minha cultura foi enraizada.

Isso me traz uma compreensão de mundo que, para aqueles que nunca habitaram uma favela, não conseguem compreender a dimensão cultural de criação, sabedoria e (sobre)vivência que ali se espraia.

Ali, também aprendi a ler e a escrever com as amiguinhas, com a família e com os mais velhos. Eu já havia sido alfabetizada pela minha mãe antes de entrar na escola, então ensinava do mesmo modo. Aquela escrita, hoje sei, era uma maneira de me mostrar ao mundo de outras formas. Uma forma que escapa ao perigo da história única (ADICHIE, 2019), uma forma que não me deixa andar sozinha. Não é minha história, é a história do nosso povo preto. E dentro de um morro à beira da Baía de Guanabara, um local também influenciado pela cultura indígena em dado momento do passado. Está tudo no meu corpo!

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2026.

²⁰ Para entender melhor a hodologia enquanto estudo/estrutura dos percursos que valorizam a vivência e a finalidade do caminho, ver: *TIBERGHIE, Gilles. Hodológico. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 2, n. 3, ano 2, p. 161-176, jul. 2012. Acesso em: <https://share.google/KsZ4XaF057qSGSi7K>.*

Hoje, Dia do “descobrimento” do Brasil, acordei com a Carta de Pero Vaz de Caminha na cabeça, leitoras. Não quero aqui desmerecer tal documento histórico de enorme importância linguística. Mas lhes escrevo justamente para nos retirar da condição na qual fomos engessadas em Pindorama. O navegante português classifica nossos povos originários como “gente bestial” (CAMINHA, 2003, p. 107). Como não somos bestas, continuemos a escrever a nossa versão da história. Vamos?

Vocês já assistiram ao filme *Mais estranho que a ficção* (2006) do diretor Marc Forster? Nesta comédia dramática, vemos Harold Crick, interpretado por Will Ferrell, um personagem um tanto quanto instável emocionalmente. Em dado momento, ele começa a ouvir vozes e busca ajuda. Acaba por descobrir que é personagem do livro de uma famosa escritora (interpretada por Emma Thompson), cuja fama vem do fato de ela matar seus personagens principais no final da sua trama. A autora, desesperada e em crise por não conseguir dar seguimento à sua trama, pega um voo e se isola do mundo. Lá, ela tenciona escrever, eliminar um suposto bloqueio e terminar seu livro: em um local sem barulho, sem pessoas, sem interrupções.

Conseguiram acompanhar meu raciocínio? Quero dizer que não somos essa escritora e nem temos a posição sóciofinanceira dela, na maioria das vezes. Tal imagem cinematográfica, criada em torno da figura dos escritores (homens brancos e ricos em sua maioria) e escritoras (em número muito menor nos enredos filmográficos), nos leva a acreditar que Hollywood encena possíveis verdades. Dessarte, precisamos entender e planejar nossas formas de escrever dentro da realidade na qual vivemos, assim como Carolina Maria de Jesus criou o hábito diário de sua escrita, depois de colocar as crianças para dormir à noite ou acordando mais cedo para catar as palavras da cabeça antes de catar papéis pelas ruas da vida. Tal tarefa, assumo, não é fácil. Todavia, não precisa ser desenvolvida como nos dita o imaginário ocidental.

Mais uma vez, Carolina Maria de Jesus me inspira. Repito: ela nada tinha – nem bens, nem dinheiro e muito menos um quarto só seu. Em seus diários, chega a demonstrar o desejo de ter seu próprio quartinho, cujas paredes ela mesma levantaria com madeiras encontradas: “[...] eu ganhei umas tábuas e vou fazer um quartinho para eu escrever e guardar meus livros” (JESUS, 2014, p. 86). No decorrer do diário, não

achei indícios de tal desejo realizado. Não fica claro se ela consegue dar início à sua construção. Contudo, Carolina não deixa de despejar suas angústias, alegrias e desejos de escrita em seus papéis. Algumas vezes, ela acorda cedo para escrever. Noutras, espera as crianças dormirem. “Amiga” desta negra brasileira em pensamentos, a escritora francesa Marie Françoise Ega, do outro lado do Oceano Atlântico, também se esforça para manter sua rotina de escrita:

Maio de 1962. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos me agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça [...]. Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou o luxo de comprar uma revista [...] volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam [...] Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados [...]. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e meu caderno. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente a sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criançada à sua volta? [...]. Também me chamo Marie, como você [...] 20 de maio de 1962. Se um dia eu lhe enviar estas linhas, você vai querer saber o resto da minha história [...]. Eles pegaram um dos meus cadernos, agora tenho que copiar de novo todas as folhas. Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo pro alto, dizendo: “De que adianta escrever?”. Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. Eu, tenho a imensa felicidade de ter um caderno, um abajur e uma música bem baixinha que sai do rádio, acho que seria covardia largar tudo por que uma criança rasgou as folhas do caderno. Só me resta recomeçar (EGA, 2021, p. 5-8).

Aqui, duas negras e um encontro de almas literárias aconteceu. Françoise Ega, empregada doméstica, e Carolina Maria de Jesus, catadora de papel. Ambas viviam experiências afrodiaspóricas, tanto na França quanto no Brasil, separadas pela imensidão do Atlântico. Não se conheciam, não se conheceram. Uma pena, pois, esta seria uma parceria necessária: duas intelectuais marginalizadas por um mundo cheio de vícios coloniais. Frequentemente, Ega narra experiências de sua invisibilidade – não a

chamam pelo nome ou, ainda, chamam-na como bem querem, esquecem sua presença, exploram seus serviços por horas a fio, entre outras violações. A escrita de Françoise Ega também é denúncia. O movimento dos mares possibilitou o encontro e a escrita destas mulheres completou a travessia atlântica; abrindo porões e ressurgindo estética e poeticamente dos tumbeiros.

Inspirações, também auxiliam nossas escritas a tomar forma. Carolina, vocativo repetidamente usado por Françoise em seu diário, é finalmente reconhecida no Brasil pelo seu *Diário de uma favelada* – suas narrativas de fome e racismo, seu ato político de contar suas dores-escritas. Já Françoise, em seu *Cartas a uma negra*, também se despe e se mostra uma martinicana lutadora pelos direitos das empregadas. Ela limpava e escrevia. Escrevia suas batalhas, suas injustiças vividas, sua vontade de existir dentro de uma classe que emanava apagamento negro. Trazia outras empregadas em seus parágrafos. Certo dia, Ega lê sobre Carolina em uma revista francesa e passa dias e anos escrevendo cartas, jamais enviadas, à escritora mineira. Ega estava ciente do desconhecimento de Carolina em relação a ela: “Você nunca vai me ler” (ver citação anterior). Também previa que nunca fosse lida por Carolina - mas o encontro de almas literárias já estava ali – a preta daqui era inspiração para a negra de lá. Ega dedicava suas linhas à sua escritora-preta-inspiradora:

15 de maio de 1963. “Se o agente literário pediu os meus escritos, por que não enviar?”, disse a mim mesma, “ele os lerá na íntegra, e ainda tem tempo até ele me informar o valor para publicá-los. Dito e feito, comprei uma pasta bonita e coloquei minhas páginas dentro, até enviei uma remessa com comprovação de entrega! Não gostaria que as páginas fossem manuseadas sem cuidado. Misturadas com documentos sem importância. Veja bem, **Carolina, sou ambiciosa!** As escritoras, acredito, têm escritórios com luzes apropriadas. O barulho não entra em seu santuário. Já eu, lhe escrevo à luz da enorme lâmpada da cozinha, enquanto as crianças estudam para as aulas de amanhã. Mas fico pensando em você, menos privilegiada ainda, com apenas uma lâmpada de querosene em uma favela, e digo para mim mesma: “Mas você é uma sortuda, sua bruxa velha! Por que você está murcha assim?”, e já recomeço a trabalhar nas primeiras páginas do meu segundo livro, não devo esperar ser uma milionária para fazer o segundo, corre o risco de demorar; como os filhos do lavrador, cavo,

escavo, revolvo, certamente encontrarei um tesouro, de tanta paciência e vontade (EGA, 2021, p. 117, grifos nossos).

No mesmo ano, 1963, Carolina parece desabafar com Françoise. Nem mediante todas as dores narradas por ela, a escritora negro-brasileira deixa seu lápis e muito menos seu caderno:

1º de janeiro de 1963. [...] eu vou vivendo. Até a morte retirar-me do mundo. O senhor Audra disse-me que vai ser difícil encontrar uma mulher para substituir-me. Por causa dos meus olhos. Que eu tenho olhar de espírita. Não creio no espiritismo. Creio em Deus! Deve existir um ser superior. Mostrei-lhe tudo que eu tenho em casa. Ele ficou horrorizado com a deficiência que eu vivo. Aconselhou-me para comprar moveis. Citei-lhe que eles dizem que eu sou de favela e sei viver com pouco dinheiro. E o dinheiro que recebo guardo para comprar comida para os filhos. [...] O pior em tudo isso. São os vizinhos que xingam meus filhos. Favelados. Eu digo-lhes que não tenho culpa de existir favela no Brasil. O culpado são os brancos que não são categorizados para educar o povo. Os nossos brancos são confortáveis. Só se preocupam com eles. Eles é quem predominam no país. Mas eles estudam e cuidam de suas vidas. Eles sendo realizados o povo que se danam. [...] O senhor Audra é um homem calmo e superior. Com ele a coisa vai. Pedi-me para escrever argumentos para filmes. Vou escrever argumentos para cinerama (JESUS, 2021, p. 478-479).

8 de janeiro de 1963. Recebi o direito das traduções de 64.129 cruzeiros, primeiro pagamento da Alemanha. Pouco pela quantidade de livros que vendeu (p. 480).

Partindo destas duas autoras negras citadas, retomo os espaços dedicados à escrita: sem escritório, Ega praticava na cozinha enquanto Jesus escolhia um canto do barraco. Eu tenho a imensa felicidade de ter um espaço físico chamado de meu quarto. Mas já não é só meu. É invadido pelos barulhos da casa, a porta nunca se fecha, as crianças entram querendo atenção, pedindo ajuda com os exercícios escolares, levam

meu lápis como os filhos da escritora francesa, me imploram por comida. Acabo por me sentir como Gloria Anzaldúa naquele dia chuvoso protelando escrever sua carta para o dito Terceiro Mundo: “O problema é focalizar, é se concentrar. O corpo se distrai, faz sabotagem com centenas de subterfúgios” (ANZALDÚA, 2000, p. 233). Todavia, é preciso nos atrevermos a sair de nossas peles, não é mesmo, Gloria? “Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo” (ANZALDÚA, 2000, p. 231) – mesmo com a falta de tempo, mesmo com crianças subindo em você, mesmo com tanto trabalho. Não nos sabotemos!

Apesar de escrever em inglês e espanhol, Anzaldúa afirma sentir-se roubada de sua língua nativa. Classificando-se como mestiça, é comum vermos em suas publicações frases brincando com palavras da língua espanhola. Nada a impede de imiscuir a escrita em seu cotidiano - sua estética literária. Tomando-a como modelo, me inspiro nela e na filósofa Lélia Gonzalez quando sou formal e informal através da minha escrita. Tendo sido criada em favela e sendo trabalhadora destes territórios, minhas narrativas trazem estas (in)formalidades dos textos periféricos. Semelhante ao termo da *outsider within* de Patricia Hill Collins, a escrita da autora *mestiza* busca justamente esse mostrar-se para aquelas culturas que se pretendem dominantes; pois,

La mestiza tem que se mover constantemente para fora das formas cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental); para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos esclarecidos (ANZALDÚA, 2019, p. 325).

O desejo deste pensamento divergente me faz expor o que sou: uma mulher favelada que tenciona escrever, isso precisa ser reafirmado o tempo todo. Vale reforçar aqui, mais uma vez, a questão de gênero dentro do território onde atuo. Além de serem os corpos mais atravessados pela violência urbana e pela precarização do trabalho, as mulheres negras faveladas e periféricas são multiplamente marcadas: pela raça, pela classe (no que tange à pobreza) e pelo machismo institucional, principalmente se comparadas às mulheres brancas de outros grupos sociais. Apesar desses atravessamentos, abrimos mão da vitimização, pois tais mulheres “são potência de criatividade, inventividade e superações das suas condições, nas formas de vida e nas

organizações sociais em seus territórios e alcançam, em seus múltiplos fazeres, centralidade na cidade” (FRANCO, 2017, p. 89). Mediante tais aspectos, e para confrontá-los, escrevamos!

Rio de Janeiro, 23 de abril de 2026.

Queridas, espero terminar minha missão hoje! Me acompanhem um pouco mais. Hoje é dia de São Jorge (ou Ogum, caso prefiram), santo guerreiro, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro - *cordas e correntes se arrebenhem sem o meu corpo amarrar ...defendei-me e protegei-me de todo o mal*. E livrai nosso escrever de todo o mal, amém!

Tentar trazer a escrita feminina de um “Brasil profundo” (SANTOS, 2018, p. 12) enquanto possibilidade de minimizar a invisibilidade de nós - nós da “grande maioria pobre, negra, indígena, jovem, que vive em favelas, ou apodrece em presídios, uma maioria que não tem acesso nem ao discurso político e midiático hegemônico nem ao discurso paralelo das redes sociais” (SANTOS, 2018, p. 12). Essa tentativa é urgente! A prática, insurgente! Cito o polêmico Boaventura de Souza Santos com o intuito de nos retirar da podridão dos presídios, como ele mesmo salienta, faço um giro epistemológico e destaco: apesar das disparidades econômicas do nosso Brasil profundo, nós produzimos literatura, cultura, etc. Distorço, ainda, o título de um de seus livros (vide referência bibliográfica) para convidá-las. Nossa escrita deve ser parida de nós mesmas sem a necessidade do fórceps do Velho Mundo.

Nesta página em cujas linhas me encontro, me entendo como escritora-escreviente do setor sul em desenvolvimento, termo que, mais contemporaneamente, define nosso recorte global. Rio desta frase tão ocidentalizada! Como boa escritora sul-*amefricana*, eu, nós, Anzaldúa, Carolina ... “Por que sou levada a escrever?”(ANZALDÚA, 2000, p. 232) a chicana se indaga, eu me indago, além de também refletirmos sobre o perigo e as revelações da escrita. Certamente,

Por que a escrita me salva da complacência que me amedronta. [...] Por que devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Por que o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. [...]

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. [...] Escrever é perigoso por que temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, por que uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (ANZALDÚA, 2000, p. 232-234).

Chega uma hora em que esse poder nos invade. Depois de dias sem digitar, abro o computador. Recomeço a digitação. Formato A4 para impressão, com espaçamento entre linhas de 1,5 e fonte Times News Roman 12. Vontade de digitar colorido. Penso que vai doer, pois nos colocar no texto dói. Aquela dor mencionada pela professora e palestrante Vilma Piedade (2017) – uma “dororidade histórica” (p. 14) cujas características apontam para a ressignificação e a transformação - é um conceito circular. Então, a dororidade está em nós,

[...] pois contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa dor é Preta. [...] Hoje, discute-se muito a “pertença” que confere legitimidade, identidade, ações, atitudes, fala [...] O lugar de fala é um lugar de pertencimento. Falo desse lugar como Mulher Preta. Ativista. Feminista. Mas também falo do lugar das minhas Ancestrais. Lugar marcado pela ausência histórica. Lugar-ausência designado pelo Racismo. É desse lugar que eu digo Não. Sororidade une, irmana, mas Não basta para Nós – Mulheres Pretas, Jovens Pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo. [...] A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude (PIEIDADE, 2017, p. 16-17).

E, se a sororidade não dá conta da nossa negritude, também não dá conta dos atravessamentos das mulheres postas à margem da sociedade. É necessário que conheçamos outras escritas para estas também nos inspirarem e nos servirem de modelo - como aqueles que aqui lhes apresentei, estimadas leitoras. Narrativas de indianidade, contos tribais, histórias dos orixás africanos, entre tantas outras. Despejar as palavras de dor no papel faz com que a raiva se dilua e a escrita flua melhor, pois também relembramos as alegrias. Também somos capazes de ir além da dor. Despejar palavras nos faz construtoras da nossa própria narrativa, borrando os estereótipos construídos sobre nós – povos negros inventados pelo colonizador, povos originários engessados

como o Outro dos ‘desbravadores’ das terras, povos orientais vistos como ou exóticos e tantos outros.

Me entra pelos ouvidos *Yá Yá Massemba* na voz da cantora baiana Maria Bethânia: *quem me pariu foi o ventre do navio [...] eu faço a lua brilhar o esplendor e o clarão [...] umbigo da cor [...] vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas!* Estes versos me invadem assim inscrevendo-se no meu corpo. As palavras entalhadas na minha pele estão ansiosas por encontrar um pedaço de papel. Vejo Carolina se enroscar na voz de Bethânia. Vamos aprender a exercitar nossas escritas e ensinar nossas camaradas! Leiam, releiam, escrevam! Deixa essa canção entrar na gente como ferramenta de libertação em relação a um modo de escrita imposto. Não há um modelo nem um modo único de escrita. Uni-vos por um conhecimento coletivo! Bora pegar essa dor da travessia e transforma-la em resistência!

Há aquela hora na qual a dor segue e o poder da escrita toma conta da gente, nos sentimos livres. *Uma mulher com poder é temida*, repito Gloria Anzaldúa dentro de mim mais uma vez. Estou certa de que todas nós temos a capacidade de incluir a escrita de nossas vidas em algum momento da nossa trajetória – trajetórias banhadas por um (a)mar de gente. (Re)pensar a nossa caminhada oferece aprendizagem para nós mesmas e para a comunidade na qual estamos inseridas; além da consciência do que somos. E o que somos, nossa subjetividade, é o nosso definir-se. Como diz o ditado africano, quando o rio esquece onde nasce, ele seca e morre; portanto, nunca esqueçamos de onde viemos, de nossas raízes, de nossos valores a fim de não perdermos a conexão com nossa identidade. Ou seja, ao desafiar aspectos criados em torno dos nossos corpos, precisamos nos definir a partir de nossa imagem autêntica. Até mesmo porque inúmeros estereótipos criados em torno dos nossos corpos influenciam diretamente a maneira como somos tratadas/controladas na sociedade. Se nos entendemos, por exemplo, como mulheres *ladino-amefricanas* (GONZALEZ, 2020) podemos também desafiar este processo de validação de imagens criadas sobre nós, ou seja, temos o poder para nos classificarmos e nos defendermos a partir do que, de fato, nós somos.

Como já disse, o meu lugar é a favela da Maré, sou uma escritora favelada. Saio deste território para estudar, viajar e aprender. Sou atravessada por tantos aspectos

sociais: trabalhadora favelada, mulher negra, professora, mãe atípica e estudante. Atuando dentro deste recorte geográfico, considerado à margem da sociedade, ou considerado como não pertencente à cidade, eu desenvolvi outras maneiras de perceber e sentir, diferentes das pessoas que por aqui não circulam. Isso é um privilégio; então, aproveitem este *status* e escrevam - seja no beco, no gueto, no campo, num conjunto habitacional, etc. Escreva!

Já deixei claro aqui a necessidade de estar junto com outras nas experiências, nas conversas e nas escritas. Assim como apontam muitas pesquisas no campo da educação, ler-escrever também é “encontrar o outro” (PASSOS, 2014, p. 228), neste caso, a outra. Há a necessidade de “investir em uma escuta atenta das narrativas das experiências de nossos interlocutores e interlocutoras, posicionando-nos dialogicamente nessa relação” (p. 228). Encontrem-se, mulheres! Se ouçam, conversem, escrevam!

Afinal de contas, quem deveria escrever a história destas mulheres? Elas mesmas! Nós mesmas, não é? De acordo com a escritora Conceição Evaristo, precisamos traçar uma escrita que

É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (...) Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita (...) Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo (EVARISTO, 2020a, p. 35).

Enquanto sujeita negra da pele clara, escrevo para ser no mundo, estar no mundo, contar-me para o mundo e me conectar a tantas outras histórias. Devir-me, devir-nos ... brinco com as palavras. O que me foi imposto, me calava; o que me tornei, me leva a falar e escrever de formas completa e politicamente desobedientes e insurgentes. O ato de

escrever é muito mais complexo do que nos ensinou a cultura letrada; escrever não é apenas articular palavras no papel, é inscrever traços da vida, investindo-se enquanto sujeito, transformando a escrita no gesto que interrompe o livre fluxo da negação ou limitação de existências, tornando possíveis vidas pensadas pela estrutura racialmente construída como inviáveis. (SANTOS, L., 2020, p. 209).

Daí a importância de criar espaço para nossas narrativas. “Apenas recentemente entendi isso direito: que, ouvindo histórias de vida da minha mãe ao longo dos anos, venho absorvendo [...] algo na urgência envolvida no fato de saber que suas histórias - assim como sua vida - devem ser registradas” (WALKER, 2021, p. 217). O que escrevemos como populações vistas e/ ou inventadas como marginalizadas é poderoso. É ato político! E, não me canso de repetir esta frase: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa-grande', e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020b, p. 54).

Igualmente, escrevo para incomodar! Epistemologicamente incomodar, uma vez que ‘estar à margem’ também possibilita a criação textual. Não temos intenção de superar as publicações eurocêntricas, o que queremos é coexistência. Nossas escritas transbordam para além do quarto, transatlanticamente transbordam para muito além dos espaços físicos delimitados. Faço este convite a todas as mulheres à margem espalhadas pelo mundo: uni-vos! E (re)escrevamos a nossa história!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. Juliana Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n. 39, p. 297-309, 2009.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. In *Revista Estudos Feministas*, v.8 n.1, p.229-235, jan. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: mar/2026.

ANZALDÚA, Gloria. La consciência de la mestiza/Rumo a uma nova consciência. In: *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Org. Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRITO, Aline Regina C. de. Um ritual epistolar favelado: dos *penpals* ao despertar de nossas próprias narrativas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, [S. l.], v. 8, n. 23, p. e1111, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/15118>. Acesso em: 4 abr. 2026.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta de Pero Vaz de Caminha: a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

EGA, Françoise. *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*. Trad. Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2021.

ESTRELA, Celeste. *Coroação Preta*. Rio de Janeiro: financiamento coletivo, 2020. ISBN 978-85-5700-393-4.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (org. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes). 1 ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020a.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (org. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes). 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020b.

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. In: *Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil*. Organização Winnie Bueno, Joanna Burigo, Rosana Pinheiro-Machado e Esther Solano. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria, volume 2: Santana*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021 (Cadernos de Carolina, 2).

OYEWUMI, Oyeronke. *A invenção das mulheres: um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. *Boacé Uchô: a história está na terra - narrativas e memórias do povo Puri da Serra da Mantiqueira*. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. *Pachamama: a poesia e a alma de quem escreve*. Rio de Janeiro: Pachamama, 2021.

PASSOS, Mailsa Carla. Encontros cotidianos e a pesquisa em educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. In: *Educar em Revista*. Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 227-242. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/33398/22082>. Acesso em mar. 2026.

PASSOS, Mailsa Carla; RUFINO, Luiz; TEIXEIRA JR, José Carlos. Circuitos comunicativos da afrodíaspóra: enunciação, polifonia e as sabedorias de frestas. In *Educação Continuada, currículo e práticas culturais, volume 2* (Org. Denise Lopes), Inês B. de Oliveira, Marinaide Freitas. 1. ed. Rio de Janeiro: DP et alli, 2018.

PERROT, Michelle. *História dos Quartos*. Tradução Alcida Brant. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Esquerdas do mundo: uni-vos!* 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

SANTOS, Livia M. Natália de Souza. Intelectuais escrevientes: enegrecendo os estudos literários. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (org. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes). 1 ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.

SCHOPENHAUER, Arhtur. *A arte de escrever*. Trad. Pedro Sussekkind. Porto Alegre: L&PM, 2018.

WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães. In: *Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista*. Trad. Stephanie Borges. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

WOOLF, Virginia. *Um quarto só seu*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L & PM, 2019.